



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ROGÉRIO DA CUNHA VOSER (2)

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-796

Entrevistado: Rogério da Cunha Voser

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Data da entrevista: 27/07/2017

Transcrição: Leila carneiro Mattos

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 12

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção Do E-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Programa Segundo Tempo; Participação no Programa Esporte da Escola; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Equipe Pedagógica do Programa Segundo Tempo; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Experiência na formação de agentes sociais; Avaliação do Esporte da Escola.

Porto Alegre, 27 de julho de 2017. Entrevista realizada com o professor Rogério da Cunha Voser a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Professor, você poderia falar como conheceu o Programa Segundo Tempo?

R.V. - Olha, logo que começou o Programa Segundo Tempo, o Ricardo¹ estava com algumas tratativas, acho que iniciais, e o primeiro contato que eu tive foi quando ele estava de férias na praia. Me lembro que isso deve ter sido em janeiro e o Ricardo me convidou para participar de uma capacitação daqueles que iriam ingressar no Programa Segundo Tempo. Se não me engano era em Santa Catarina, mas me pegou de surpresa e eu não tinha como finalizar as minhas férias programadas com a família. Acabei não aceitando aquele primeiro convite em função de impossibilidade e não pude então participar do início do Segundo Tempo. Eu já sabia desde essa época que existia o Programa Segundo Tempo, que era um programa federal onde a UFRGS² fazia mais ou menos a logística. A estrutura toda seria aqui, no Rio Grande do Sul, onde chegaria o dinheiro, e esse dinheiro seria distribuído para todas essas demandas dos processos do Programa Segundo Tempo. Passou alguns anos e houve a possibilidade da minha inclusão porque aumentou muito a demanda. O PST³ padrão na época era muito forte, eram muitos convênios em todos os locais do Brasil, então, teve um aumento considerável no Rio Grande do Sul e a, Equipe Colaboradora 18 teve que contratar mais pessoas para os processos de capacitação como também de acompanhamento. Eu me lembro que na época o professor Alberto⁴ era um dos colegas do esporte que eu acho que ele não gostava muito de viajar, não gostava do avião e acabou desistindo. Não sei de fato se foi por isso, não me recordo bem, mas acredito que tem alguma influência nisso também. Então, fui convidado para o Programa e para a minha surpresa, eu já fui convidado também para ser vice-coordenador da Equipe. O Alexandre Cariconde⁵ era o coordenador. Tinha um grupo de Pelotas e um grupo de Porto Alegre. Então, como o professor Cícero⁶, que era o vice-coordenador da Equipe passou para a vice-

¹ Ricardo Demétrio de Sousa Petersen.

² Universidade federal do Rio Grande do Sul.

³ Programa Segundo Tempo.

⁴ Alberto Reinaldo Reppold Filho.

⁵ Alexandre Tchuzy Cariconde.

⁶ José Cícero Moraes.

direção do Programa Segundo Tempo, na baixa do professor Ricardo, houve então essa possibilidade para mim. Como professor da casa, trabalho com esporte, tenho livros publicados na questão de inclusão e iniciação, então, recebi esse convite para ser o vice-coordenador. Eu fiz muitas leituras no início para me apropriar do Programa. Peguei os livros que tinha até para entender um pouquinho em que pé estava o processo, que eu sei que teve um crescimento absurdo desde a implantação e que a dimensão ampliou principalmente com a proximidade da Olimpíada⁷ e do Campeonato Mundial de Futebol⁸ sediados no país. Teve todo um investimento maior do Governo e também acho que, em função política do PT⁹, o Programa do Segundo Tempo se manteve, porque veio do PT através do Lula¹⁰ e continuou depois com a Dilma¹¹. Então, acho que cada vez mais foi se consolidando o Programa e o esporte no Brasil todo foi disseminando por interesse das prefeituras, das universidades, do Ministério da Defesa, do Exército e outros que também buscaram o Segundo Tempo. Então, acho que a coisa difundi, assim, absurdamente. E eu, entrando como vice-coordenador, tive um ingresso por volta de julho de 2013 por um contrato que foi até dezembro de 2014 e depois teve um intervalo porque assinamos um contrato por um período e depois, sempre tem ou o encerramento ou uma renovação. Essa renovação se deu em maio de 2015 indo até dezembro de 2015 e a partir daí a gente ficou na espera, na expectativa que a coisa fosse retomar, se fortalecer, mas estamos num momento mais complexo, agora é difícil, já faz um tempo que eu não estou mais colaborando no Programa Segundo Tempo.

M.M. – E quais foram as suas funções desempenhadas no Programa Segundo Tempo?

R.V. – A função de vice-coordenador, de apoio ao Alexandre Cariconde, até porque tem um grupo de lá e tinha alguns colegas daqui de Porto Alegre que foram incluídos para facilitar. Tinha alguns convênios em Pelotas, em Rio Grande... Então, o grupo de Pelotas ficava com essas regiões e a gente pegava regiões daqui. E também, como nós estamos dentro da universidade, trabalhando, nem sempre quando havia o calendário de cursos que solicitava as visitas, e eram muitas visitas, a gente tinha meio que se dividir... Acabou que

⁷ Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro realizados em 2016.

⁸ Copa do Mundo de Futebol FIFA, realizada em 2014

⁹ Partido dos Trabalhadores.

¹⁰ Presidente Luis Inácio Lula da Silva.

¹¹ Presidenta Dilma Vana Rousseff.

o pessoal de Pelotas tinha muito tempo de fazer dupla para gente poder visitar vários locais, vários núcleos.

M.M. – Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

R.V. – Vice-Coordenador acaba fazendo tudo, desde a avaliação dos núcleos, do projeto, de avaliar e dar o “ok”. Também tinha que fazer as capacitações e os cursos, no fim, a gente acabou fazendo capacitações e cursos em todo o Brasil, principalmente quando entrou junto o Programa Mais Educação. O PST cresceu mais ainda, então, nós tivemos cursos em todo o Brasil, equipes que iam fazendo visitas... E o que mais? Deixa eu ver... Capacitação, acompanhamento também de visitar prefeituras, núcleos, visitei também o Ministério das Forças Armadas na cidade de Nova Santa Rita, foi uma experiência bem legal também. Mas, então, visitei o PST padrão, as atividades do Mais Educação também, visitei até para fazer aplicação de questionário para saber o perfil e também os cursos. Enfim, tanto do Segundo Tempo padrão como do Mais Educação que teve um outro modelo de formação.

M.M. – O outro modelo de capacitação que você fala é do Esporte da Escola?

R.V. – Isso. É um subprojeto dentro do Mais Educação que é algo maior.

M.M. – Certo! E você poderia descrever um pouco como aconteceu essas capacitações, cursos e também essas visitas de avaliação?

R.V. – No início, em termos de capacitação, acho que são dois momentos. Tem um que era a capacitação do Programa Segundo Tempo. Aquele modelo mais engessado com vídeos e tem o segundo momento que era um modelo diferente que foi conduzido e organizado para o Mais Educação.

M.M. – Que era o curso de extensão?

R.V. – Que era o curso de extensão. Eu particularmente achava o modelo do Segundo Tempo muito engessado, porque teve uma época que eu acho que eles organizaram um

modelo de vídeos para ter uma linha pedagógica, mas chegou um ponto também que se tornava desgastante para quem estava apresentando. Nós tínhamos muita experiência para trazer e as pessoas que estavam assistindo também tinham muita experiência para debater, discutir e a gente acabava ficando presos aos vídeos de uma hora. Todo mundo assistindo vídeo, às vezes com sono saíam e voltavam... Então, eu não achava, às vezes, muito pertinente. No momento da avaliação, me recordo que eles elogiavam muito quando tinham a prática onde a gente pegava aqueles tópicos de inclusão de gênero e a gente aplicava na prática mostrando que aquilo era possível de realizar e como deveria ser realizado, aquele método, aquele momento que na avaliação onde tinha mais envolvimento deles. Até eles preparavam também algumas atividades em grupo para apresentar para eles mesmos... Então, era o momento que eu via que mais tinha envolvimento e interesse.

M.M. – Duravam quantos dias as capacitações e os cursos?

R.V. – Eram dois dias. Tem um momento dos vídeos e a gente chegava um pouquinho antes para conhecer o local também. Tinha todo uma organização de mobilização dos que participariam. Os representantes locais agrupavam profissionais de uma região que não tinham feito a capacitação em uma cidade sede durante esses dias. Por exemplo, em Bento Gonçalves, eles pegavam os monitores de Caxias do Sul e levavam para Bento. Então, se não me engano, era dois dias que levava toda a função. Os vídeos, o momento da prática, o momento de avaliação, era assim, muito complexo. Já o Mais Educação teve um outro modelo, com informações mais curtas e cada uma na sua área. Por exemplo, apresentava sobre o esporte, não é? Então, eu explicava sobre o Esporte de Invasão, os objetivos, como é que funcionava tudo dentro daquela metodologia que era proposta e era um curso que tinha mais envolvimento das pessoas. Nós também aprendíamos bastante porque viajávamos para outros locais do país também. No momento que a gente se unia com um colega de Brasília ou um do Rio de Janeiro, a gente conseguia ampliar nossas parcerias. Conhecer as pessoas que estavam no Segundo Tempo era muito legal porque tu te aproximavas, tua aprendia com o teu colega, o teu colega aprendia a metodologia, daqui a pouco ele ia fazer um outro curso e levava algo que aprendeu contigo, tu levavas algo que aprendeu com ele. Então, era muito legal. Eu particularmente sempre gosto de aprender. Então, esses momentos eram super ricos para nós também porque a gente acabava se qualificando e aumentando as possibilidades de pesquisa, de amizade e de vínculos com

esses outros colegas dessas outras universidades e o retorno do aluno monitor era maravilhoso. Era, assim, muito intenso. A formação era muito intensa e eu me lembro que chegava no final quase “chorando”, porque a gente criava um vínculo com o aluno, porque eram muitas atividades práticas, tinha muito contato e eu acho que também eles se sentiam valorizados. Eu me lembro da última que eu fui, se não me engano, em Pará de Minas. Foi muito legal! No final, saímos juntos com os alunos de noite. Nós saímos, bah! Eles não queriam perder o nosso vínculo porque para eles era o máximo. Imagina ter doutores das maiores universidades, escritores de livros do lado deles que jamais imaginavam com quem iriam estar compartilhando conhecimento. Eles achavam maravilhoso: “Como é que o autor, o cara, aquele que escreveu tal livro está aqui?”. Muitos de nós temos uma publicação boa em livros e tal, o pessoal nos conhece e continuavam... “Tu é aquele do livro que escreveu? Mas eu não acredito! Que legal”. Então, nós tínhamos um reconhecimento deles, eles achavam o máximo e isso também era legal para o Programa e para o Governo, pois, pela primeira vez, eles diziam assim: “É a primeira vez que o Governo realmente está fazendo algo que chega até nós”. Porque, como é que vai mudar a educação se não tiver capacitação das pessoas? E outra coisa: ninguém muda também se não for estimulado, se não mexer com as coisas que até então acreditavam que tinham aprendido em termos de cultura, não é? Então, acho que quando chegávamos com ideias, características diferentes e até de linguagem, nosso jeito gaúcho de falar... Às vezes, eles não entediam alguma coisa, eles perguntavam: “Professor, eu não entendi. Que palavra é essa que tu quis dizer?” Então, foi muito interessante. Em relação ao acompanhamento, o que eu destacaria é que a gente conseguia influenciar em mudanças. A gente conseguia mudar algumas coisas porque muitas vezes a gente sabia que era um circo montado, eles sabiam que nós íamos e já ficavam mais ou menos preparados, todos os núcleos esperando a gente chegar, só que tinha um roteiro básico já estruturado, que a gente mandava para o Ministério. Coisas básicas... Mas tem o que eu mais valorizava que era a questão de valorização local. Ter aluno, a questão pedagógica, como é que estava sendo desenvolvido o projeto em cada cidade de cada núcleo e tentando perceber, por exemplo, de que tamanho era a cidade, como era a cidade em relação à questão do esporte, como é que nós poderíamos fazer mais coisas além do que estavam fazendo... Então, eu me lembro assim, muitas vezes nós fomos recebidos por prefeitos e secretários. De uma forma geral, as pessoas estavam envolvidas e acabavam também nos recebendo porque era o Ministério do Esporte: “Estão vindo os avaliadores do Ministério, estão vindo para nos avaliar, para

dizer se a gente está fazendo certo ou errado”. Então, a primeira coisa que a gente dizia era que nós éramos parceiros deles. Na realidade, nós não éramos alguém que ia lá só para verificar se as atividades estavam boas ou se estavam ruins, criticar e virar as costas. No nome “Equipe Colaboradora” já estávamos dizendo nosso objetivo. Íamos para colaborar, talvez sugerir ideias, tentar dar um norte, um acompanhamento, mostrar alguns caminhos que podem ser feitos que eles não estavam fazendo e deveriam fazer, porque existia algumas coisas que eles tinham que fazer, não podiam fugir... Então, o que eu notava também era que, às vezes, o profissional que ia trabalhar naquela comunidade era até de outra cidade. E a questão de gestão de pessoas é um dos temas que a gente não aprende na faculdade de Educação Física. Gestão do teu ambiente. Então, eles achavam que chegariam na hora, dariam a atividade e voltariam para a sua cidade, mas às vezes não tem transporte e, daqui a pouco, começa a clientela a cair. Outras coisas que são coisas da própria região, por exemplo, às vezes tem período de colheita e a gente foi lá: “Ah, professor! Agora é o período de colheita, eles não têm vindo, tem que ajudar o pai no campo, o ônibus passa lá mas ninguém vem porque a criança tem que ajudar”. Então, tem que se analisar também o contexto. Eu perguntava para eles: “Mas como é que vocês não organizam a chamada, por exemplo, colocando Paulinho. Paulinho é amigo do Joãozinho, então, bota uma letrinha A para mostrar que eles são do mesmo bairro e da mesma rua para quando um sumir ou faltar, tu ter a quem recorrer e perguntar ou ir lá no pai?” Então, eu senti que faltava discussões como essas até dentro das nossas capacitações. A gente falava muito em método de ensino, como é que tu preenche aquele formulário, como é que tu conduz os métodos mais adequados, mas faltava, talvez, alguma coisa mais relacionada a gestão; como é que ele faz a gestão daquele território, porque tudo se comunica na realidade. Tudo se comunica: a Escola, Segundo Tempo, Mais Educação... e, às vezes, estava na mesma cidade competindo o Mais Educação com Segundo Tempo e, às vezes, era até na mesma escola. O que não podia, mas acontecia. Então, muitas vezes o professor de Educação Física estava ali e achava que somente dando uma aula boa iria cativar as crianças. Mas ele tinha que estar mais envolvido com a comunidade para perceber como poderia fazer a diferença. Isso eu sentia muito, era uma coisa que eu conversava bastante com eles, mostrando para eles que tinham que está mais envolvido na comunidade. Não era só chegar ali e dar aula. Podia ser o melhor método de ensino, mas eles não iam conseguir alcançar os objetivos porque eles não tinham uma representatividade, eles caíam de paraquedas ali muitas vezes no local. Até porque em algumas regiões não tinha alguém

formado. Então, tinha que pedir outro monitor para o PST da cidade. Ou isso complicava no Esporte da Escola porque daí podia qualquer pessoa trabalhar, não precisava ser formado em Educação Física ou ser aluno e o conhecimento do conteúdo também era frágil.

M.M. – Professor, além do Programa Segundo Tempo Padrão e do Esporte da Escola, você teve contato com o Programa Segundo Tempo Universitário, o Projeto Navegar ou outro do tipo?

R.V. – Não, não. Tinha um grupo que só vai no Navegar e tem um grupo que também vai para o Universitário e outros. Eu só tive oportunidades de ir nesse do Exército que eu achei maravilhoso e que é um dos mais organizados. Me receberam super bem! Eles tinham uma organização interna de disciplina, entendeu? Eu acho formidável, principalmente para a criança carente que entra lá. Tinha toda uma segurança para eles de realmente ter um acompanhamento e tudo estruturado. Bem coisa de militar, né? E funcionava maravilhosamente bem. A gestão tinha uma gestão mesmo. Disciplina e postura de militar. Quando entrava lá, tu vias treinamento, às vezes, o cara fazendo simulação de treino e as crianças do lado. Então, tu tinhas todo um controle, não podiam entrar lá no quartel como se fossem entrar no bairro deles. Tu vias que até as crianças iam se adaptando aquela organização que acabava até ajudando bastante porque hoje em dia as crianças têm toda uma informação, mas muitas vezes falta um pouco de limite, de disciplina. A gente perdeu um pouco disso e esporte requer disciplina, requer ir além da tua capacidade de ser estimulado. O esporte é isso, tem muito a ver com essa questão da disciplina e da autonomia de lutar até o final, de ser melhor, não que o outro, mas consigo mesmo. Essas coisas que o esporte pode contribuir.

M.M. – E dentro do seu processo, como vice-coordenador, tanto no início como no decorrer, participou de alguma capacitação para saber suas funções e suas atividades?

R.V. – Sim! Tiveram vários encontros em Brasília de apresentação de resultado de como estava sendo desenvolvido. E tinha também espaço para nós colocarmos alguns problemas em cada situação dessa metodológica ou de capacitação. Então, os colegas acabavam ajudando. Por exemplo: quando eu entrei de vice-coordenador, a primeira viagem, eu fiz

com o professor Alfredo, inclusive ele foi meu professor no colégio em Pelotas e nós somos amigos até hoje. E na primeira viagem, ele disse: “Vai junto comigo que eu vou te mostrar como é o sistema, qual é aquela rotina”. Então, eu fiz a primeira viagem com ele, os outros colegas também acabaram ajudando. Tu tens que ir para o sistema, tens que praticar, não adianta. Melhor aprendizado. Podia ligar para o pessoal do pedagógico, ligar para Brasília para qualquer problema do sistema... Então, tinha as pessoas certas para quem tu recorrer sempre.

M.M. – Professor, de uma forma mais geral, quais os pontos positivos você poderia indicar do Programa Segundo Tempo?

R.V. – Bah! São tantos! É ponto positivo para todos os sentidos. Acho que para a população, para a sociedade... Era um programa sério estruturado. A gente ia nas prefeituras e até eles comentavam que era um dos programas do governo que tinha mais controle, que era mais estruturado e realmente acontece. Então, acho que foi bom para a universidade também porque a universidade se aproximou da comunidade. O que acontece com as Universidades é que a gente faz pesquisa e fica trancado, cada um na sua sala, afastado... E muitas vezes, a gente não dialoga entre as pesquisas e essa é uma oportunidade única para a universidade, com a parceria com o Ministério do Esporte que podia atingir realmente a sociedade com os seus profissionais que, logicamente, ganhava uma bolsa. Mas a bolsa também não era o alvo, não se dizia: “Vou estar por causa da bolsa”. Porque também tinha uma possibilidade nossa de desenvolver o esporte de outras maneiras. Particularmente, eu me sentia super recompensado porque tu podias disseminar uma cultura de esporte educacional no Brasil todo. Então, era bom para a sociedade, bom para a universidade porque ela saía dos muros e podia atingir a sociedade, bom para o Ministério porque também repercutia positivamente num investimento que dava retorno e para as crianças que estavam ali, nem se fala! No início do Programa deu alguns problemas que não eram problemas do Programa, mas das pessoas que comandavam politicamente. Estou falando daquele problema da alimentação, dos roubos da comida, e trouxe uma imagem como se tudo fosse errado. O errado era quem estava fazendo isso, o resto estava correto e depois, então, começou a responsabilidade das prefeituras porque eles tinham que dar a contrapartida, estas questões não saíam mais do dinheiro do Ministério. Então, acho que as coisas se acomodaram, era bom para criança que tinha esporte, tinha ônibus que

levava elas para o local, tinha uma boa orientação, tinha um acompanhamento. Às vezes, quando a gente fala de esporte para quem não conhece esporte educacional, este só pensa no esporte rendimento, no esporte para a quem está lá, ganhando dinheiro, para o atleta. Mas a gente consegue perceber o esporte como uma ferramenta de formação global da criança, de todos os aspectos até a questão que envolve os valores e a saúde porque, se na realidade, as crianças fizeram uma prática esportiva, elas também vão menos no posto de saúde, vão ir menos ao hospital, vão ter menos exame, vão estar mais educadas, vão ter mais disciplina e talvez, não vão usar droga. Então, o impacto em termos sociais, políticos e financeiros para o governo, infelizmente, a gente sabe que às vezes leva dez anos para mudar uma geração. O ciclo é muito longo para repercutir. Aquela criança que estava contigo precisa ficar dez anos e daqui a pouco troca governo, troca prefeitura e infelizmente essas coisas acabam. Então, imagina: tu dá oportunidade para a criança e a prefeitura muda e diz que não vai seguir o que o outro partido fez porque não é o representante atual que está fazendo a coisa e que o outro vai levar sempre a fama. Então, eles terminam e criam outro programa, mesmo que igual e mudam a letra para tentar dizer que faz alguma coisa, mas aí recomeça toda uma estruturação com seus problemas iniciais.

M.M. – Começa tudo de novo.

R.V. – Começa do zero de novo. E a criança tem que se adaptar. O programa vai perdendo um pouco da credibilidade e a criança fica um pouco mais sem vínculo.

M.M. – Você já citou algumas dificuldades, mas você poderia apresentar outros limites que encontrou em sua participação pelo Programa Segundo Tempo?

R.V. – Bah! Não me recordo dificuldades em meu desempenho e para a minha função. Nenhuma. Sempre tive todo recurso, deslocamento, como era que o pessoal se organizava. Sempre nos deixavam tudo muito bem informado.

M.M. – Não teve nenhum curso ou capacitação que houve problema?

R.V. – Assim, comigo não. O que eu trago assim que eu já coloquei na outra pergunta anterior é essa questão da política pela transição de representantes e as coisas perdem um

pouco a força ou estão fazendo só para cumprir porque era do outro. Então, isso que me dava pena, do processo não ser contínuo, de as coisas se esgotarem. O governo fazer uma coisa, daqui a pouco, ele muda, vai para cá e muda... Assim, não funciona programa social algum.

M.M. - Na sua opinião o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

R.V. – Ah! Com certeza. Não podemos jogar tudo no Programa Segundo Tempo, como se fosse a tabua de salvação mas é uma oportunidade. Uma oportunidade de, naquele território, naquela comunidade, tu fazer a diferença. Acho que cada um tem que plantar a sua sementinha, são vários programas que tem o governo. Tem programas do SESI¹², do SESC¹³, tem outras instituições também... Acho que cada um dentro da sua possibilidade tem projetos maravilhosos, trazem retorno para a sociedade, para se fazer uma sociedade melhor, para termos um futuro melhor para os nossos netos, que outras gerações já tenham garantias.

M.M. – E teve algum curso ou capacitação significativo que você queira nos contar? De forma pode ser positiva ou negativa?

R.V. – Eu já comentei contigo que nós chegávamos em alguns locais era como se fôssemos Deus. Eu acho que essas comunidades, os lugares mais longínquos que a informação custa a chegar, o conhecimento é complicado até na Educação Física. Então, quando tu chegavas assim com representação do Ministério, muitos pensavam: “Ah! Chegou o pessoal do Ministério”. Vinha todo mundo em silêncio, depois que eles viam que somos pessoas normais, professores de universidade, que somos colegas deles e estamos afim de passar e trocar conhecimento, levar o que a gente sabe um pouquinho mais das oportunidades que a gente teve, então, isso criava um vínculo imensurável de tu chegar a se emocionar no final, porque nunca mais vou ver a pessoa. Tu sabes que vai lá e tu não vais ver mais. Até hoje eu tenho contato com pessoas de Pará Dde Minas que mandam foto, seguem no *whatsapp* e no *facebook*, então, acho que isso não tem preço. O próprio processo das formações, tu imagina cada um daqueles, em cada lugar, mesmo que ele não vá para o Programa

¹² Serviço Social da Indústria.

¹³ Serviço Social do Comércio.

Segundo Tempo, que ele vá trabalhar na sua escola, que ele vá trabalhar no seu projeto social, leva um pouquinho daquilo que tu passou, aquela mensagem de inclusão de gênero, de um método mais adequado de todas as peças que envolvem a criança a se manter naquele projeto e no que eles podem fazer de utilização de ferramenta para o desenvolvimento dela.

M.M. – E o que você pensa que é possível fazer para que o Programa consiga se qualificar mais diante principalmente dessa situação brasileira de agora?

R.V. – Eu, particularmente estou chateado. Todos os dias eu passo aqui e venho na sala do PST. Vou e falo: “Estou disponível”. Brincando com as meninas: “Meu passe está disponível, quando que vai retornar?”. Então, vai que muda o Ministro, muda o Secretário, e muda, e muda, e muda e diante dessa instabilidade de diminuição de recursos sempre quem paga a conta é o povo. Os que estão lá em cima não vão pagar a conta, sempre o povo que é o culpado e a vítima. O povo que paga a gasolina, o povo que não vai ter mais serviço público, não tem uma prestação de qualidade das coisas, então, é sempre quem vai ser punido das coisas aumento de imposto, é tudo sempre quem paga e é sempre isso que me deixa chateado.

M.M – Então, para qualificar seria?

R.V. – Qualificar... Acho que a questão é retomar o que já tinha. Se conseguir retomar, não precisa qualificar. Já era qualificado, na realidade. Claro que sempre tem o que evoluir. Talvez, controlar mais as questões das realizações das atividades porque estávamos muito em montar material, divulgar, capacitar e nós já estávamos num momento que precisava de uma avaliação mais contínua do processo, ter um outro grupo só para avaliar como tem um grupo que aprova no sistema. O Programa tem um grupo que dava capacitação, tinha um grupo que é o mesmo que ia acompanhar os núcleos que ia avaliar para ver o impacto real dentro da sociedade, nós já estávamos assim criando ferramentas, mas no início. Fui visitar uma cidade do interior pelo Esporte da Escola, até atolei o carro em uma chuvarada, íamos para uma escola muito retirada dentro da cidade, parecia uma colônia e atolamos um carro locado, empurramos e veio um cara com um trator para nos puxar. Eu tive que ficar de pés descalços. Imagina! E nós chegamos na escola para poder avaliar como estava o

desenvolvimento do Programa e nós tínhamos que visitar um número x de escolas ainda. Até filmamos. Era uma coisa de tu não acreditar, a gente foi até lá para pegar um papelzinho com um número x que os caras estavam respondendo para dar o impacto. Então, a gente fez, criou o instrumento, foi avaliar, teve gasto do dinheiro público para ir lá e as coisas estão paradas, então, isso é frustrante. Então, se retomar onde parou, para fechar a tua pergunta, se a gente continuar de onde estava, está de bom tamanho.

M.M. – Professor teve alguma coisa que eu não te perguntei e você acha que é importante mencionar sobre o Programa Segundo Tempo?

R.V. – Eu acho que eu fui além de todas as perguntas; acho que fui um pouquinho além do que você queria perguntar. Junta tudo e coloca na última.

M.M. – Tá certo! Professor, agradeço muito pelo seu tempo e pelas suas contribuições.

[FINAL DA ENTREVISTA]